

CORPOS DISSIDENTES: o
documentário da
subversão no interior do
nordeste brasileiro

BODIES DISSIDENTS: the
subversion of documentary
inside the brazilian northeast

ÓRGANOS DISIDENTES: la
subversión de documental
dentro del nordeste de Brasil

Samuel Macedo do Nascimento¹

Leandro Colling^{2, 3}

RESUMO

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto (direção de Rosemberg Cariry, 1987) é um filme que conta a história do massacre da comunidade do Caldeirão no interior do Ceará – Brasil, em 1937. Após a morte do santo popular Padre Cícero Romão Batista

¹ Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade - CUS. Membro do Grupo de Pesquisa em Cultura e Subalternidades. Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará - Campus do Cariri. Participou de projetos ligados às temáticas de gênero, sexualidades, cinema e documentário, fotografia, cineclubismo e comunicação alternativo. Integrante do Grupo de Estudos de Cinema: História, Teoria e Crítica com sede em Juazeiro do Norte - Ceará desde 2012. Áreas de interesse: gênero, sexualidades, subalternidades, cinema e corpo. E-mail: samuelkariri@gmail.com.

² Graduado em Comunicação Social pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1996), mestre (2000) e doutor (2006) em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Realizou o seu estágio de pós-doutoramento em 2013-2014 na Universidade de Coimbra, junto ao Centro de Estudos Sociais (CES). É professor adjunto 4 do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) Professor Milton Santos e professor permanente do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, ambos da Universidade Federal da Bahia. E-mail: leandro.colling@gmail.com.

³ Endereço dos autores (por correio): Universidade Federal da Bahia. Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade. R. Barão de Jeremoabo, s/n - 306 Ondina, Salvador, Bahia, Brasil. CEP: 40170-115.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p28>

em 1934, as forças locais se unem para apagar os registros dessa experiência coletiva e subversiva. Os testemunhos dos sobreviventes e das pessoas envolvidas no massacre conduzem o filme e a montagem nos conecta a dois momentos importantes: o período da ditadura Vargas, quando a comunidade é exterminada; e o ano em que o filme é produzido, que se sintoniza com o início da redemocratização do Brasil onde as pautas dos movimentos das pessoas que não tinham acesso a terra pressionavam a política nacional. O filme toca na questão da nossa cidadania pós-colonial e nas histórias não oficiais de violência que acompanham essa e outras regiões do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Ditadura Vargas; Cidadania pós-colonial; Comunidade do Caldeirão.

ABSTRACT

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto (direction of Rosemberg Cariry, 1987) is a movie that tells the story of the Caldeirão's community massacre in Ceará – Brazil, in 1937. After the death of the popular saint Padre Cícero Romão Batista in 1934, the local forces unite to delete the records from this collective and subversive experience. The testimonies of survivors and those who were involved in the massacre lead the movie and the composition connects us to two important moments: the period of the Vargas dictatorship, when the community is destroyed; and the year in which the film is produced, which is tuned to the beginning of the Brazil's re-democratization where the agendas of the movements of people who had no access to land make pressure inside the national politics. The movie touches on the issue of our post-colonial citizenship and non-official histories of violence that accompany this and other regions of Brazil.

KEYWORDS: Documentary; Vargas dictatorship; postcolonial citizenship; Caldeirão's community.

RESUMEN

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto (dirección Rosemberg Cariry, 1987) des una película que cuenta la historia de la matanza en la comunidad Caldero, en Ceará –



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, nº 3, Maio-Agosto. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p28>

Brasil, en 1937. Después de la muerte del santo popular de Padre Cícero Romão Batista en 1934, las fuerzas locales se unen para eliminar los registros de esta experiencia colectiva y subversiva. Los testimonios de los supervivientes y de las personas involucradas en la matanza, que lleva la película y su ensamblaje, nos conecta con dos momentos importantes: el período de la dictadura de Vargas, cuando la comunidad es aniquilado; y el año en que se produce la película, que se ajusta al principio de la redemocratización de Brasil, donde las agendas de los movimientos de personas que no tenían acceso a la tierra exigieron cambios en la política nacional. La película toca el tema de nuestra ciudadanía post-colonial y las historias no oficiales de violencia que acompañan a esta y otras regiones de Brasil.

PALAVRAS CLAVE: Documental; Dictadura de Vargas; la ciudadanía poscolonial; Comunidad Caldero.

Recebido em: 30.06.2016. Aceito em: 27.07.2016. Publicado em: 31.08.2016.

Rostos de mulheres nordestinas dispersas na cidade de Juazeiro do Norte compõem algumas das primeiras sequências do filme (documentário) *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, dirigido por Rosemberg Cariry em 1986. Elas usam panos amarrados na cabeça - hábito ibérico ainda presente nos sertões - algumas fumam cachimbo, umas têm um olhar fixo e distante, outras encaram o olhar da câmera. Enquanto isso um boi enfeitado de fitas coloridas dança em dunas onde se é possível avistar o mar. O desencontro entre o sertão e o mar nas cenas do filme talvez configure a própria impossibilidade de representação das realidades através do cinema. Uma voz em off narra a história da cidade de Juazeiro do Norte⁴ e sua religiosidade advinda pelos milagres⁵ gerados no corpo da beata Maria de Araújo nas últimas décadas do século XIX (LIRA NETO, 2006). Cenas e relatos sobre as romarias e os remeiros demonstram que o catolicismo popular acompanha a estética da cidade e os hábitos culturais e sociais do lugar. Embora *O Caldeirão da Santa Cruz do*

⁴ "O movimento de Joaseiro (sic) surgiu no Vale do Cariri, que se situa na extremidade sul do atual estado do Ceará e foi povoado, no primeiro quartel do século XVIII, por criadores de gado provenientes da Bahia e de Pernambuco, atraídos que eram pelas terras férteis e pelas fontes de água. Graças a esses recursos naturais, constituía o Vale do Cariri um verdadeiro oásis cercado por todos os lados de infinitas extensões de terras planas, assoladas ciclicamente pelas secas e que quase nada produziam. Devido, ainda, aos recursos do Vale, veio a agricultura, especialmente a cana-de-açúcar, a predominar sobre as atividades pastorais. Pelo final do século XVIII, grande parte dos rebanhos tinha sido forçada a emigrar em direção ao Norte, para uma zona menos fértil do Vale e, também, rumo ao Leste e ao Sul, além de imponente chapada do Araripe, penetrando nas terras ressecadas, de mato ralo, dos estados vizinhos da Paraíba, de Pernambuco e do Piauí. Foi, igualmente, no final do século XVIII que a cidade do Crato, onde nasceu o Padre Cícero, em 1844, surgiu sendo a mais populosa e o centro mais importante do Vale, recebendo a denominação de "Pérola do Cariri". Comandando um dos melhores solos do Vale, tornou-se o Crato o principal produtor e, conseqüentemente, fornecedor de excedentes de alimentos para o sertão árido. Transformou-se, cada vez mais, no eixo das atividades comerciais do Vale. Como centro mais importante de distribuição no interior de manufaturas europeias importadas, suas elites agrárias e mercantis ligaram-se, ipso facto, mais estreitamente com Recife, principal porto atlântico do Nordeste e florescente capital da era colonial, do que com Fortaleza, insignificante sede administrativa portuguesa da capitania geral do Ceará" (DELLA CAVA, 1976, p.27-28)

⁵ A beata Maria de Araújo foi a principal protagonista dos milagres do Padre Cícero no fim do século XIX. A hósta dada pelo padre tornou-se sangue em mais de 40 cerimônias religiosas (LIRA NETO, 2006)

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p28>

Deserto seja um filme de uma multidão heterogênea, dois personagens surgem como elo da historiografia da região. O primeiro é o padre Cícero Romão Batista, ligado diretamente aos milagres e tido como santo popular do nordeste. E o segundo é o beato José Lourenço, que recebe do próprio Padre Cícero uma quantidade de terra e nela constrói uma comunidade igualitária com os flagelados das secas.

No dia 25 de maio de 2016 fui convidado para um debate no projeto Cinema Nordeste, em parceria com a Universidade Federal do Cariri (Pró-Reitoria de Cultura) e o Centro Cultural do Banco do Nordeste, no prédio do CCBNB. Na ocasião, apresentei um recorte da cartografia da abjeção do cinema do cariri cearense, tema da minha dissertação. Na pesquisa passeio pelos filmes feitos no interior do Ceará por cineastas locais, são eles: *Dona Ciça do Barro Cru* (Jefferson de Albuquerque, 1979); *O caldeirão da santa cruz do deserto* (Rosemberg Cariry, 1986); *Também sou teu povo* (Orlando Pereira e Franklin Lacerda, 2006); e *Travesthriller* (Orlando Pereira e Nívia Uchôa, 2014). Jefferson de Albuquerque, diretor caririense que viveu muitos anos no Rio de Janeiro, foi assistir a minha apresentação no Cinema Nordeste e estava acompanhado de Renato Dantas, ator e diretor de teatro. No momento em que eu apresentava a discussão sobre o filme *O caldeirão da santa cruz do deserto*, Renato Dantas pediu licença e perguntou se eu sabia que o filme não “retratava a verdade do episódio da comunidade do Caldeirão” e que muitas informações e depoimentos trazidos no filme foram “inventados”. Só pude responder que não me interessava o que seria “real” ou “fictício” neste documentário, uma vez que a minha pesquisa tenta resgatar as vidas abjetas que foram massacradas, ainda que sejam vidas fantasmas. Independente dos artifícios do cineasta para construir o episódio no filme, um número significativo de pessoas foram exterminadas nas terras do sul do Ceará em maio de 1937 e isso não pode ser mudado, apesar de esquecido pelos discursos oficiais.

Nos primeiros anos após os milagres, multidões⁶ *diaspóricas* saem de vários locais da região do nordeste do Brasil em busca de lar na cidade santa do Padre Cícero. Esse fenômeno continua nos dias de hoje e Juazeiro do Norte se desenvolveu ao longo de todo o século XX por causa desse fluxo constante de pessoas e torna-se a segunda cidade economicamente importante do estado do Ceará. A maior parte das famílias que vivem na cidade é de estados diferentes do nordeste ou de outras regiões do Brasil (LIRA NETO, 2006). Juazeiro do Norte se caracteriza por ser uma cidade de população⁷ movente, e as pesquisas afirmam que em períodos intensos de romaria, o número de habitantes dobra (ALVES, 2010). O turismo religioso tem relevância na economia da região, ficando atrás da Indústria e do Comércio, embora esses dois últimos setores tenham se fortalecido a partir dos fenômenos da migração constantes. As multidões moventes não foram unicamente responsáveis pelas mudanças estruturais da cidade, elas também possibilitaram a criação de mecanismos que encontraram uma inserção na economia do estado, trazendo mudanças e transformações tecnológicas, políticas, educacionais e sociais (DELLA CAVA, 1976).

Regressamos para a década de 20 do século XX. Segundo o filme, o Ceará tinha vivido alguns períodos de secas devastadoras e esse fenômeno forçou várias famílias a migrarem para outras regiões do país. No entanto, um número significativo dos chamados flagelados da seca chega à cidade do padre Cícero na esperança de encontrar acolhimento, principalmente acolhimento espiritual. O padre Cícero chama o beato José Lourenço – que pode ser considerado um dos seus discípulos - e

⁶ “A política das multidões queer emerge de uma posição crítica a respeito dos efeitos normalizantes e disciplinares de toda formação identitária, de uma despatologização do sujeito da política das identidades: não há uma base natural (“mulher”, “gay”, etc.) que possa legitimar a ação política” (PRECIADO, 2011,p.18)

⁷ Segundo os dados do IBGE, Juazeiro do Norte tem uma população de 249.939 habitantes. Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=230730&search=%7Cjuazeiro-do-norte>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p28>

oferece ao beato um pedaço de terra para que uma parte dessas pessoas recomece suas vidas. Lá, na terra, eles constroem suas casas e partilhavam igualmente os alimentos, além de fortalecerem a fé. O beato José Lourenço, embora não pertença a nenhuma congregação da Igreja Católica Romana, dedicou sua vida para servir a fé cristã. Quando a comunidade estava minimamente fortalecida, o padre Cícero ganha um boi de presente, chamado boi Mansinho, e pede ao beato que leve o boi para a comunidade Baixa Dantas. O boi era tratado de um modo especial, uma vez que pertencia ao santo padre. Porém, em um determinado dia, ao visitar a cidade de Juazeiro o beato José Lourenço é atuado pelo doutor Floro Bartolomeu, que se autodenominava herdeiro político do padre Cícero. Doutor Floro sabendo que o boi era muito querido e temendo que o povo considerasse o boi mais um elemento religioso do Padre Cícero, resolve matar o boi publicamente e prender o beato José Lourenço. Um dos personagens do filme relata que “a morte do boi representava a morte do povo pobre da Baixa Dantas”. Baixa Dantas era a comunidade que acolhia os flagelados da seca. Os mesmos deram um significado à morte do boi e isso gerou um incomodo na região. A partir disso, uma festa popular com canções sobre o boi mansinho passou a ser encenadas nas comunidades rurais de Juazeiro do Norte e ainda é comemorada. A morte do boi marcava assim a historiografia da cultura popular da cidade. É importante lembrarmos que o beato José Lourenço era um homem negro, não alfabetizado, pobre e de hábitos celibatários. As pessoas que o acompanhavam, e o tinham como líder, perderam suas terras, animais e eram diaspóricas. O lugar de abjeção desses sujeitos permite que nomeemos esse grupo como re-des-territorializado⁸ e dissidente. Um grupo que está sempre disputando territórios. Vidas sem importância (BUTLER, 2008). A multidão composta por

⁸ Conceito retirado do período virtual: Devir Menor, Espaço, Território e Emancipação Social. Abertura – Trilogia da Terra de Paulo Tavares. Site: <https://devenirmenor.wordpress.com/2013/09/28/paulo-tavares-2/>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p28>

mulheres, crianças, homens e animais, que encontravam artifícios de resistência em meio às desigualdades e a seca, foi expulsa da comunidade Baixa Dantas.

Novas famílias e indivíduos passam a chegar e em pouco tempo uma nova comunidade se desenvolve, a comunidade do Caldeirão. Segundo o filme é construída uma capela, uma casa de farinha, um engenho, casas são erguidas e tudo que era produzido era dividido de forma igual entre todas as pessoas do Caldeirão. Havia revezamento de trabalho e os alimentos produzidos pela agricultura serviam ao uso local. A terra era fértil e existiam diversas árvores frutíferas. A pequena economia local passa a estabelecer relações de troca com a comunidade do Caldeirão. A criação de animais possibilitava que a comunidade tivesse uma alimentação digna, as coisas que excediam eram vendidas para comprar produtos específicos que não eram produzidos no lugar. Rosenberg Cariry utiliza-se da montagem do próprio filme para conectar os momentos diferentes da história do século XX com a história do Caldeirão. O filme nos relembra do governo de Getúlio Vargas no qual a ameaça comunista assombrava o Brasil e a América Latina além de lembrar por meio de imagens, os regimes totalitaristas (fascismo e nazismo) que exterminaram multidões na Europa. As forças políticas do Ceará e os grupos hegemônicos do país destroem a experiência coletiva da comunidade do Caldeirão que é esquecida pela história oficial do Brasil. *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto* é um filme que interpela a história trazendo o panorama político local e nacional da época do massacre. Esse texto não se trata de uma resenha crítica sobre o filme, portanto, quero seguir as pistas de uma cartografia das vidas abjetas para que possamos vislumbrar como as instituições pós-coloniais e os grupos hegemônicos do poder se articularam para exterminar àquelas vidas consideradas sem importância.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p28>

A Comunidade do Caldeirão da Santa Cruz⁹ é exterminada dois anos após a morte do padre Cícero. A filha adotiva do beato José Lourenço, uma antiga professora do Caldeirão e um sobrevivente do massacre visitam o lugar cinquenta anos após o seu extermínio. No filme eles contam como funcionava a comunidade e onde se situavam suas casas, os locais de trabalho e o cemitério. A partir desses testemunhos ecoados na terra onde ocorreu o massacre, o Caldeirão da Santa Cruz passa a existir outra vez. O filme foi produzido em 1986, período de fim da ditadura militar no Brasil. O país vivia um processo de redemocratização e os movimentos sociais, principalmente os movimentos de reivindicação da terra, ganhavam corpo nas pautas da política. No livro, *Micropolíticas: cartografias do desejo* de Félix Guattari e Suely Rolnik (1982) descrevem o clima da política nacional daquele período. A organização dos sindicatos dos trabalhadores, a mídia alternativa, surgimento de partidos políticos de esquerda, lutas do feminismo, dos movimentos LGBT's, lutas raciais e principalmente o debate sobre divisão igualitária da terra caracterizam aquele período. *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto* entra em sintonia com o clima de mudanças globais que caracterizam toda a década de 1980. O militarismo que também exterminou muitas vidas nos mais de vinte anos de ditadura está intimamente envolvido com o massacre do Caldeirão. Segundo o filme, as primeiras aeronaves de guerra do Brasil foram testadas no extermínio da comunidade do Caldeirão. Sim, as mesmas aeronaves que serviram de reforço na segunda Guerra Mundial, quando o Brasil se aliou aos países Aliados (França, Reino Unido, URSS, Estados Unidos), foram inauguradas nesse massacre no sul do estado do Ceará. Por mais que a História Oficial tente esconder as feridas abertas e podres

⁹ Juazeiro do Norte e as histórias relacionadas ao Cariri atraem o interesse de pesquisadores de áreas distintas. Em 2011, a pesquisadora Maria Isabel Medeiros Almeida defendeu a dissertação intitulada *Memória e História: o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto na Narrativa Histórica*, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC –SP.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n3p28>

que assombram o nacionalismo brasileiro, as vidas abjetas se interligam mutuamente e retornam para assombrar a beleza e a segurança da pátria.

0:13 Primeira sequência do filme - Imagem da cabeça de um boi ensanguentada. A câmera passeia pela cabeça morta e entra dentro do olho do boi. (referência a cena de um boi morto no filme *Deus e o diabo na terra do sol*, direção de Glauber Rocha, 1964)

A estética da abjeção do filme se confunde com a própria abjeção do corpo morto e despedaçado das pessoas que viveram no Caldeirão. Em vários momentos surgem sequências com ex-votos. Na estética dos créditos presentes no início e fim do filme, nas cenas onde aparece o boi mansinho e nas sequências das romarias do Padre Cícero. A presença de *ex-votos* é comum nas cidades onde se concentram um número significativo de turismo religioso. Salvador, Aparecida do Norte, Juazeiro do Norte, entra outras. *Ex-votos* são partes do corpo, geralmente entalhadas em madeira, que são depositadas em lugares sagrados como forma agradecimento pela cura desse determinado pedaço que é o próprio *ex-voto*: cabeças, pés, braços, mãos, etc. Os *ex-votos* nos lembram da condição de abjeção das vidas subalternas, e exigem que olhemos para os corpos despedaçados pela guerra, violências e massacres. A condição de abjeção se liga também a própria negação do direito à terra. A terra pertence aos sujeitos hegemônicos. No caso particular da condição pós-colonial brasileira: o homem branco, europeu, heterossexual, da classe burguesa ou aristocrática. O sistema familiar brasileiro assegurou que as concentrações de riqueza e a terra fossem repassadas às famílias que correspondiam a essa norma dominante. Os grandes políticos, o alto clero, os militares, os grandes proprietários de terra, descendem dessas famílias que sempre conduziram o Brasil (BOSI, 1992).

Para Spivak (1994), a classe dominante nativa colonial imita as classes dominantes européias imperiais. Essa classe dominante nativa é responsável por

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p28>

repassar e ensinar às classes inferiores as regras da civilização eurocêntrica. Dentro desse mesmo sistema encontraremos as zonas de abjeção, que para Júlia Kristeva, são zonas onde não é possível existir o eu, o ser; uma vez que a abjeção é o oposto disso (SANTOS, 2013). O fato é que a história do Caldeirão da Santa Cruz nunca antes mencionada, até a criação do filme, reconta a história de uma multidão re-des-territorializada dissidente que não cumpre os padrões e as normas. O neologismo *desterritorialização* se aproxima da palavra *desterro* ou verbo *desterrar*, ação de ser retirado da terra ou perda da terra. Reterritorializar significa mudar de território e necessita do processo de desterritorialização para fazer sentido. “A desterritorialização absoluta equivale a viver sobre uma linha abstrata de fuga” (ZOURABICHVILI, 2004,p.23). Devir não é mudar, portanto para Deleuze e Guattari a palavra desterritorialização é sinônima de decodificação (ZOURABICHVILI, 2004). A reterritorialização é a nova terra por vir a ser construída em oposição a ideia de terra ancestral ou prometida (DELEUZE, GUATTARI, 1995). Portanto *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto* é um filme da impossibilidade de fixação da terra. Multidão queer (PRECIADO, 2011), multidão abjeta, portanto dissidente, nômade e movente, que vive na disputa pela terra, ganhando e perdendo, simultaneamente, de modo re-des-territorializante.

Para Guattari e Rolnik (2005), os processos de desterritorialização também acontecem na disputa da produção capitalística das subjetividades. As subjetividades hegemônicas entram em conflito com as subjetividades subalternas para que o sistema econômico global se sustente. Por outro lado, as singularidades dissidentes desestabilizam a norma quando reivindicam seus espaços e territórios de existência. *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto* nos lembra da impossibilidade de uma vida coletiva em comunidade com as riquezas distribuídas de modo horizontal. O filme desarticula o sistema de trabalho e da Industrialização, difundidos por grandes impérios coloniais como a Inglaterra, que influenciou o fim da escravidão no Brasil,

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p28>

ainda no fim do século XIX, por interesses relacionados às relações de trabalho e produção capitalísticas. O início do século XX é marcado pelo surgimento da União Soviética que causa grande impacto nos dois lados do globo: oriente e ocidente. A partir disso muitas lutas pelo controle das riquezas e da terra acompanham todo esse século, que viveu duas grandes guerras com sistemas sofisticados de massacres. Os *microfascismos* estariam sempre surgindo nas relações e nos embates políticos em torno da classe, do gênero, da raça e do lugar (GUATARRI, 1982). A desterritorialização da multidão do Caldeirão é um dos tantos casos de disputa da terra, prática pós-colonial que sempre foi útil para o massacre das vidas dissidentes ou abjetas.

Em *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto* nos deparamos com disputa da terra ou do território. A história nos mostra que não existiria manutenção dos impérios sem a exploração das terras colonizadas. As multidões ou as vidas abjetas jamais exerceram o privilégio de detenção da terra, uma vez que essa terra sempre foi patrimônio das intuições colonizadoras: família, Igreja e Estado. As famílias que formaram a elite brasileira ao longo dos séculos agenciaram seus mecanismos de poder e seus privilégios para retirar os “outros” da disputa pela terra. Esses outros se configuram como: mulheres, tribos indígenas, negras e negros escravizados, pessoas não heterossexuais, pessoas consideradas loucas, crianças, imigrantes e as classes pobres. A multidão movente exterminada no episódio do Caldeirão da Santa Cruz enfrentava o domínio das famílias oligárquicas e do clero carienses-cearenses. A experiência em comunidade colocava em questão os clássicos ideais da família cristã burguesa branca heterossexual brasileira: a propriedade privada e o direito hereditário. A classe dominante de um país colonizado é herdeira dos privilégios perdidos pelo sistema monárquico e sua aristocracia que jamais soube o que era trabalho. A multidão re-des-territorializada na terra que pertencia ao Padre Cícero, santo popular, ameaçava a política do estado do Ceará e o sistema capitalístico

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p28>

global. Por quê? Se a União Soviética disputava o planeta em busca de resistência comunista uma experiência como a do Caldeirão, em um país latino-americano, instigaria a atenção do regime socialista, assim como ocorreu em Cuba e outros países.

Voltando ao impasse do debate no Cinema Nordeste, André Bazin (2010) afirma que diferente de suas irmãs Literatura, Pintura e Teatro, o Cinema não tem a mesma idade da História e ainda está em processo de formação. Embora o cinema já surja como atualmente conhecemos nas mentes inquietas do fim do século XIX, seu processo de construção depende da evolução tecnológica da revolução industrial burguesa (BAZIN, 2010).

Portanto, o cinema não pode dar conta de uma realidade total, muito menos representá-la. Sabemos que durante muitos anos o gênero documentário tinha o status de pureza da realidade em detrimento aos "falseamentos" dos filmes de ficção, porém aprendemos que o cinema ao contrário do que se pensava, serviu como máquina de guerra e de estado, serviu para inventar e disseminar os gestos dos gêneros masculinos e femininos (STAM e SHOHAT, 2006).

Aqui podemos lançar proposições sobre o *cinema queer*, que também discutimos na nossa dissertação. Não podemos afirmar, com veemência, que não exista um *cinema queer*, uma vez que o cinema está em devir, muito menos supor que ele será capaz de dar conta da historiografia oficial e dos testemunhos e oralidades perdidas ou silenciadas. O Cinema traz um *vislumbramento*, sempre pessoal, manipulado e direcionado de um acontecimento ou de acontecimentos. Entrar na defesa da pureza da verdade supostamente contida em qualquer história, de qualquer filme do mundo, não torna esse filme mais ou menos real. Roland Barthes nos dizia que o real é irrepresentável. Vidas foram subversivas e perderam seus direitos à existência nesse e em outros confrontos políticos. O filme ganha potência quando acorda esses fantasmas que se ligam de maneira *rizomática* com

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p28>

outros fantasmas que assombram os demais territórios do mundo. Temos o exemplo dos campos de concentração no nazismo, as ditaduras fascistas, a perseguição e extermínio dos camponeses e dos povos indígenas, entre outros. Os cinemas da abjeção constroem um arsenal de vozes que escapam dos limites das telas.

REFERÊNCIAS

- FILME – *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto* (Rosemberg Cariry, 1987)
- ALVES, Cícera Cecília Esmeraldo. **Um olhar no desenvolvimento do turismo religioso em Juazeiro do Norte – Ceará – Brasil:** um enfoque na sustentabilidade. VI Seminário Latino Americano de Geografia Física, Universidade de Coimbra, 2010.
- BAZIN, André. **O que é cinema?** Tradução: Eloisa Araujo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização** - São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade/** Judith Butler; tradução, Renato Aguiar.- 3a ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- _____. **Corpos que pesam:** sobre os limites discursivos do sexo. In. LOURO, Guacira. *O corpo educado.* Belo Horizonte: autêntica, 2008.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro;** tradução Maria Yedda Linharess. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol.1/** Gilles Deleuze e Félix Guattari, tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. - São Paulo: Editora: 34, 2011.
- GUATTARI, Félix. **Micropolítica: cartografias do desejo/** Félix Guattari, Suely Rolnik. – 11. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- NETO, Lira. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão/** Lira Neto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer:** notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, 2011.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p28>

SANTOS, Matheus Araujo dos. **Abjeto em disputa:** dissidências ou não entre Bataille, Kristeva e Butler. In: COLLING, Leandro e THURLER, Djalma. Estudos e políticas do CUS – Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade. – Salvador: EDUFBA, 2013.

SHOHAT, Ella. STAM, Robert. **Crítica da Imagem Eurocêntrica.** Tradução: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SPIVAK, Gayatri. **Quem reivindica a alteridade?** In: **HOLLANDA,** Heloísa Buarque de. Tendências e Impasses – O feminismo como crítica da cultura/ organização de Heloísa Buarque de Hollanda – Rio de Janeiro: Rocco, 1994.